

UM AMOR DE SWANN: NO FILME DE VOLKER SCHLÖNDORFF E NO LIVRO DE MARCEL PROUST

Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach

Universidade Federal de Santa Catarina

Em 1962, Nicole Stéphane, que era atriz, depois de um acidente de automóvel, tornou-se produtora. Ajudada pela amizade que ligava sua mãe à Suzy Mante-Proust, sobrinha e herdeira do escritor Marcel Proust, adquiriu os direitos de *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO*. Depois de várias tentativas frustradas para a realização do sonhado filme, entrou em contato com o cineasta Joseph Losey e seu roteirista, o dramaturgo Harold Pinter, que assim se expressa no prefácio de seu roteiro:

"Nós havíamos decidido que a arquitetura do filme se alicerçaria sobre dois princípios essenciais e contrastados. De um lado, um movimento sobretudo narrativo, tendendo para a desilusão; de outro lado, mais intermitente, um movimento tendendo para a revelação, chegando a um ponto onde o tempo que estava perdido seria reencontrado e fixado para sempre dentro da arte".

Este projeto não foi realizado tal a dificuldade encontrada pelo custo e pela extensão da obra; fazemos referência no entanto à clarividência das palavras-chaves presentes: arquitetura, desilusão,

revelação, tempo e arte. Elas vêm ao encontro do que escrevemos em 1989 no artigo *O Tempo Reencontrado em Proust*, publicado na revista *Téias* nr. 2 (pgs.99-103), do Departamento de Língua Vernácula da Universidade Federal de Santa Catarina:

“Nada mais memorável do que A Busca, verdadeira racionalização dos encontros e desencontros do espírito humano. O tempo é seu leitmotiv, a faca de dois gumes, tanto destruidor se nos ativermos aos desejos insatisfeitos, aos sonhos demolidos, quanto deliciosamente prazeroso se identificarmos a sensação profunda de uma lembrança atual com outra idêntica no passado. Cada pessoa pode assim reencontrar seu próprio tempo, sua identidade não está perdida e a eternidade do ser neste momento mínimo é a única felicidade encontrada. Esta é a experiência vivida por Proust e revelação de sua obra. A Busca termina quando o narrador, tendo encontrado o tempo, pode começar o livro”.

O projeto utilizado acabou tendo como seu principal roteirista Jean-Claude Carrière, aproveitando em três quartos do filme o segundo episódio de *No Caminho de Swann* (vol 1), *Um Amor de Swann*, “como se tira um pote d’água da fonte” diz ele, “sabendo que nesta amostragem estão contidas toda a natureza e a qualidade da fonte”, e no último quarto, além do final do episódio seguinte, dois outros fragmentos de outros volumes de *EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO* na tentativa de absorver a totalidade do destino de Swann.

Vinte e quatro horas na vida de Swann, rico dileitante, estimado pela nobreza e a alta sociedade por sua avaliação artística, notadamente pelos Guermantes, o duque, sua mulher Oriane e seu irmão o barão de Charlus, homossexual trágico. Mas Swann é judeu e, circunstância agravante, ele transgride as regras quando passa a

amar com paixão intensa e um ciúme doentio a uma semi-mundana, Odette de Crécy.

Quinze anos mais tarde, Charlus e Swann, excluídos, envelhecidos e decepcionados, se encontram e passam a falar de suas buscas ao amor impossível. Swann, casado com Odette e com quem teve uma filha, Gilberte, está consciente do ato falho de sua vida: "E dizer que eu estraguei anos inteiros de vida, que desejei a morte, que tive o meu maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo!"

Feito em 1984, com direção do alemão Volker Schlöndorff, o filme retrata Paris do fim do século passado, nos seus três quartos de tempo. No último quarto, têm-se uma idéia do começo do século XX com os primeiros carros atrapalhando o trânsito. A ênfase dada a esta mudança de época ocorre em *Nomes de Terras: O Nome*, terceiro e último episódio de *No Caminho de Swann* (vol. 1). Sabe-se como Proust foi tocado pelo repentino progresso.

Quanto à narrativa adotada para o desenrolar do filme é interessante observar os retrocessos na evolução da ação para valorizar a lembrança. Utiliza-se do episódio *Um Amor de Swann* a partir do meio da história, voltando ao início através de flash-back cada vez que Swann é dilacerado pela lembrança. Acontece-lhe igualmente juntar várias passagens do livro numa só cena.

Para uma conclusão mais satisfatória, optou por duas formas de desfecho: na primeira, ao finalizar os três quartos de tempo do filme, Swann exclama consigo mesmo a última frase do episódio *Um Amor de Swann*, desempenhando fielmente um movimento narrativo. Na segunda, a que chamamos epílogo, o último quarto do filme, observa-se evoluções temporais na ânsia de absorção da obra proustiana.

Desenvolve o destino de Swann com trechos de *No Caminho de Guermantes* (vol. 3) e de *O Tempo Redescoberto* (vol. 7); mostrando-nos, como memória e consciência fundem-se na humilde sabedoria da lembrança.

Tem como pano de fundo, o mundo aristocrático dos Guermantes nos seus ritos, e a nova burguesia dos Verdurin, evidenciando o mundo elegante da época de Proust.

Em um tempo limitado de 24 horas realizam-se os momentos altos da história amorosa de Charles Swann, aristocrático que, apaixonado pela bela Odette de Crecy, cortesã parisiense das mais eminentes, sem bagagem intelectual, sofrerá o repúdio de seus amigos. A última parte do filme extrapola o episódio *Um Amor de Swann*, ultrapassa de vários anos o período de um dia e abarca outros volumes de EMBUSCA DO TEMPO PERDIDO.

No desfecho das últimas duas seqüências, Swann mesmo desiludido cumpriu seu destino casando-se com Odette, e, condenado pelo médico a poucos meses de vida, visita Oriane, sua amiga, a duquesa de Guermantes, que no entanto, não recebe nem sua mulher, nem sua filha. Mais tarde, este confidenciaria ao barão de Charlus, seu amigo fiel, o que lhe resta na vida de prazeroso: as lembranças ligadas ao amor e as descobertas fixadas pela arte.

Desta maneira o diretor revela a razão de ser do mundo do romancista, realiza a proeza de condensar todo o destino de Swann em um tempo curto e ainda conferir ao filme, que transcende o episódio previsto, uma visão proustiana da profundidade dos sentimentos.

O movimento é prospectivo quanto à sintaxe mas retroativo quanto ao estado de espírito do personagem, que desiludido recorre às lembranças do passado. Trata-se de uma estrutura linear que recua intermitentemente para a revelação dolorida da lembrança do amor que não é mais o mesmo.

A música contemporânea de Hans-Werner Henze, inspirado em César Franck e Saint-Saens, recriando muitíssimo bem a famosa Sonata de Vinteuil do livro, ecoa várias vezes no filme contribuindo para a firmeza de sua estruturação estético-musical. No livro como no filme, a Sonata de Vinteuil é motivo recorrente; em momentos diferentes enobrece o sentimento junto à arte.

Swann, visitante intempestivo das “soirées” de *Combray* (primeiro episódio de *No Caminho de Swann*), não sofre somente de amor, mas também porque não sendo um criador, um artista, não pode ir além do seu limite que só com a realização da música, da pintura ou da literatura conseguiria alcançar. Sob esse fundo de tristeza, o amor sobrevem como uma fogueira inesperada, inexplicável, a que Swann se deixa queimar por inteiro.

Jeremy Irons sobressai representando este Swann de maneira profunda, sob a transparência de belas maneiras, consciente de ter um amor condenado por não ser ela do seu tipo. À sua frente, Ornella Muti representa uma Odette de uma vitalidade venenosa que pouco a pouco se impõe mesmo com um homem de ar refinado como Swann. Odette, em contraste com a velha geração, é o símbolo da modernidade.

Considero um empreendimento extraordinário o de escolher e fixar com tanta maestria uma imagem única para Swann e Odette. Tendo ele desaparecido de cena, sabemos que morreu prematuramente; ela soberba, não envelhece, passeia na praça das Tuileries, desce da charrete, anda esguia. Paris lhe pertence de certa forma, a Busca também, sabemos o lugar de destaque que o narrador proustiano ainda lhe reserva. O epílogo do filme permanecerá em nossa memória, clamando sempre para uma nova leitura de Proust.

Com este maravilhoso filme encerrou-se a batalha de Nicole Stephane para a realização do que parecia impossível, transpor a atmosfera única do grande romancista francês para a tela; tomara que logo uma nova transposição proustiana nos propicie igual prazer.

A transposição do livro para a tela nos lega o charme da imagem. Gostaríamos de comparar aquilo que havíamos imaginado na leitura com aquilo que vemos no cinema. Vamos tentar seguir passo a passo a narrativa do filme de Schlöndorff em relação ao livro de Marcel Proust:

I. Cena do quarto pela manhã. Swann começa a escrever. Escuta-se pela voz¹ de Swann em off: **“O meu amor estendia-se muito além das regiões do desejo físico”**, que de início coloca o espectador em seu espaço secreto como se concorresse a uma análise psicológica do personagem. Sente-se com a famosa cena das catléias que Swann está perdidamente apaixonado.

Pag. 257² - *Por certo que Swann não tinha consciência direta da extensão daquele amor. Quando procurava medi-lo, acontecia-lhe às vezes que lhe parecia diminuído, quase reduzido a nada; por exemplo, o pouco de gosto, quase o desgosto, que lhe haviam inspirado, antes de amar a Odette, os seus traços acentuados, a sua pele sem frescura, e que tornava a sentir alguns dias. “Na verdade há um sensível progresso, pensava ele no dia seguinte; bem considerando as coisas, eu ontem não sentia quase nenhum prazer em estar no seu leito, é curioso como até a achava feia”. E, sem dúvida era sincero, mas o seu amor estendia-se muito além das regiões do desejo físico. A própria pessoa de Odette não ocupava nele um lugar considerável. Quando dava com os olhos no retrato de Odette sobre a mesa, ou quando ia vê-la, tinha dificuldade em identificar a figura de carne ou de cartão com a dolorosa e constante perturbação que o habitava. Dizia-se quase com espanto: “É ela!” como se de súbito nos mostrassem exteriorizada ante os olhos uma de nossas doenças e não a achássemos semelhante ao que sofremos. “Ela”, tentava Swann perguntar o que era; pois há uma semelhança entre o amor e a morte, mais do que essas tão vagas que se repetem sempre: a de fazer-nos interrogar mais fundo, no medo de que nos fuja a sua essência, o mistério da*

personalidade. E aquela doença que era o amor de Swann, a todos os seus atos, a seu pensamento, a sua saúde, a seu sono, a sua vida, até ao que ele desejava após a morte, era de tal sorte um só todo com ele, que não lho poderiam arrancar sem o destruir quase por completo: como se diz em cirurgia, o seu amor não era mais operável.

Ao discurso indireto livre usado pelo narrador proustiano, **pensava ele...; eu ontem...**”, coube, no filme, uma fala de Swann dialogando com Charlus, esta fala vem após a voz de Swann em off que enuncia: **o meu (seu) amor estendia-se muito além das regiões do desejo físico**. Mudou-se a ordem das duas frases, sem mudar-lhes o significado. Mudou-se o registro de terceira para primeira pessoa, por necessidade. Swann anota em seu caderno todo sensível progresso do seu amor por Odette e cai em contradição quando conta para o barão de Charlus que este seu sentimento está diminuindo. O homem no mundo não é o mesmo do homem nos seus escritos, verdade que Proust sempre formulou.

2. “*Matinée musicale*” nos *Guermantes*. Conversas de Swann com o barão de Charlus (pag. 263 no livro); da sra. de Gallardon com a princesa Des Laumes (pag. 279), Oriane *Guermantes* de nascimento, no filme *Fanny Ardant*. **A vida é uma coisa horrível** para Swann:

Pag. 284-285 - Mas desde que Swann se achava tão triste, sentindo sempre esta espécie de frêmito que precede o momento em que se vai chorar, tinha a mesma necessidade de falar de sofrimento que um assassino de falar de seu crime. Ao ouvir da princesa que a vida era uma coisa horrível, sentiu a mesma doçura de que ela lhe tivesse falado de Odette.

- **“Oh! sim, a vida é uma coisa horrível.** Nós precisamos ver-nos, minha cara amiga. O que há de bom no seu caso, é que a senhora não é alegre. Poderíamos passar juntos algum serão”.

Swann não é como Oriane. Sofre deste mal incurável de estar sempre pensando no ser amado e que Oriane não pode compreender. No filme duas senhoras comentam isto, sendo emitida a mesma frase de Oriane do livro:

-“No fundo acho ridículo que um homem da sua inteligência sofra por uma mulher daquele gênero e que nem ao menos é interessante, pois a dizem idiota”.

O narrador proustiano compara a atitude de Oriane, de forma ironicamente engraçada:

“... com a sensatez das pessoas não enamoradas que acham que um homem de espírito só deveria desgraçar-se por uma pessoa que valesse a pena; é mais ou menos como espantar-se de que alguém se digne a sofrer de cholera morbus por culpa de um ser tão pequeno como o bacilo virgula”.

3. Início do pequeno trecho da sonata de Vinteuil. Esta música de violinos entra fundo no coração, causa em Swann um abalo motivado pelo retorno de sensações felizes vividas no passado e que agora somam amor e desilusão. Assim como na narrativa proustiana, têm-se a impressão no filme de que o “ela” textual refere-se à Odette que estaria entrando pelo salão da duquesa de Guermantes. Nada disso, é a música em forma de aparição que é persofinçada.

Pag. 287 - Mas de súbito foi como se **ela** tivesse entrado, e essa aparição lhe foi uma **dor** tão **dilacerante** que ele teve de levar a mão ao peito. É que o violino subira a notas altas onde permanecia como para uma espera, uma espera que se prolongava sem que o instrumento cessasse de as sustentar, na exaltação em que estava de já perceber o objeto da sua espera que se aproximava, e com um desesperado esforço para durar até a sua chegada, acolhê-lo antes de expirar, manter-lhe ainda um momento com todas as suas derradeiras forças o caminho aberto para que ele pudesse passar, como se sustenta uma porta que sem isso retumbaria. E antes que Swann tivesse tempo de compreender e dizer consigo: “É a pequena frase da sonata de Vinteuil, não escutemos!” todas as lembranças do tempo em que Odette estava enamorada dele e que até aquele dia conseguira manter invisíveis nas profundezas do seu ser, iludidas por aquela brusca revelação do tempo de amor que lhes parecia ter voltado, despertaram e subiram em revoada para lhe cantar perdidamente, sem piedade para com o seu atual infortúnio, os refrãos esquecidos da felicidade.

Estas considerações da página 287, ligadas à música e ao seu efeito no coração de Swann, representam uma conclusão de um procedimento que havia começado na página 178 com esta frase: *No ano anterior, numa reunião, ouvira uma obra para piano e violino.*

Na página 181 reconhece na sonata de Vinteuil uma música do passado (poder da memória involuntária) e consegue apreendê-la e conhecê-la (poder da arte) o que não ocorre com o amor. Na página 186, esta sonata é tratada como o hino nacional do amor de Odette e Swann. Na página 202, a música lhe causa *uma estranha embriaguez*, porque percebe que sua alma consegue se despojar

de todos os recursos do raciocínio quando é surpreendida pelo *filtro obscuro do som*.

Estes sentimentos evoluem, seguindo dois eixos: a descoberta da arte como signo supremo e do amor como signo enganador. Para o espectador conhecedor do livro, é muito compreensível o abatimento de Swann que está vivenciando uma falta. A música, - *o violino subira a notas altas* - agora somando amor e desilusão (página 287), lhe propicia uma *dor dilacerante*.

4. Swann, Odette, Charlus e o jovem Maomé na casa de chá “Bagatelle”. Este fato tal qual é inexistente no livro, é uma montagem de transposição, no entanto, perfeita. Alain Delon no papel de barão de Charlus faz a corte ao jovem Maomé lembrando-lhe ter ele o nome de um quadro de Bellini e revela, bem a propósito, a história de Maomé II para alfinetar Swann. Pelas falas e olhares expressivos entende-se estar este desejo de morte de Odette escondido em Swann mesmo que ele não o tenha percebido, porque é muito grande sua identificação com a arte.

Pag. 295- E Swann sentia muito próximo de seu coração aquele Maomé II cujo retrato da autoria de Bellini tanto apreciava e que, sentindo que se apaixonara loucamente por uma de suas mulheres, apunhalou-a, a fim, diz ingenuamente o seu biógrafo, de recuperar a sua **liberdade de espírito**.

A condensação efetuada inclui no diálogo, em torno da mesa da casa de chá, a ocasião de Swann defender sua adesão ao grupo Verdurin, fato que se encontra em outro canto do livro. Não se sabe se Swann é sincero nesta sua defesa ou se quer apenas agradar Odette que é uma protegida dos Verdurin, o que prova no entanto estar mesmo sua **liberdade de espírito** comprometida. O espanto do barão é contrabalançado pelo prazer de Odette. Os burgueses

do clã Verdurin acabarão excluindo Swann e por sua vez o grupo aristocrata dos Guermantes não aceitarão Odette durante o episódio de *Um Amor de Swann*.

5. Fim de tarde em casa de Odette. Uma mulher aparece com ares de vir tratar de assuntos escusos. Swann decide perguntar a Odette tudo sobre casas que freqüentara e suas relações com mulheres. Odette arruma-se para ir ao teatro sem Swann. Interessante observar a estratégia desta cena, começa com a narrativa avançada e vai recuando, retrocedendo nas páginas do livro. Os motivos recorrentes apresentam-se de sua parte conclusiva para a introdutória no filme, assim foi com a aparição do som e aqui também nestas explicações sofridas de Odette.

Pag. 306 - Oh! não! E não é que eu não tenha sido perseguida para isso, - acrescentou Odette, revelando num sorriso uma vaidade que ela não mais se apercebia de que Swann pudesse achar legítima.

-Ainda ontem ficou uma a esperar-me durante mais de duas horas: propunha-me qualquer preço. Parece que há um embaixador que lhe disse: "Eu me mato se não a trazer". Disseram-lhe que eu tinha saído, acabei indo eu mesma falar com ela, para que se fosse embora. Queria que tu visses como a recebi, minha criada que me ouvia da peça vizinha me disse que eu gritava: "Não quero, está ouvindo?! Digo-lhe que não me agrada, e pronto! Creio que sou livre de fazer o que me der na cabeça! Ainda se eu tivesse necessidade de dinheiro..." O porteiro tem ordem de não mais deixá-la entrar, dirá que fui para fora. Ah! eu queria que estivesse escondido nalguma parte. Havia de ficar contente, meu querido. A tua Odettezinha tem mesmo alguma coisa de bom, embora a achem tão detestável.

Pag. 301 - “Eu já te disse, bem sabes, - acrescentou ela num tom irritado e doloroso.

- Sim, eu sei, mas estás certa disso? Não me digas: “Bem sabes”, dize-me: eu nunca fiz essa espécie de coisas com nenhuma mulher:

Odette repetiu como uma lição, num tom irônico, como se quisesse desembaraçar-se dele:

- Eu nunca fiz essa espécie de coisas com nenhuma mulher.

- Podes jurá-lo sobre a tua medalha de Nossa Senhora de Laghet?

Sabia Swann que Odette não juraria falso sobre aquela medalha. - Oh! como me fazes sofrer! - exclamou Odette, furtando-se num gesto sobressaltado ao ataque da pergunta. - Não vais acabar com isso? O que é que tens hoje? Resolveste que eu deva detestarte, que te abomine? Eu tanto que queria voltar contigo aos bons tempos de outrora, e é assim que me agradeces!

Mas sem largá-la, como espera um cirurgião o fim de um espasmo que interrompe a sua operação mas não o faz renunciar a ela, disse-lhe Swann, com uma persuasiva e mentirosa doçura.

- Enganas-te em pensar que eu havia de querer-te mal por isso, Odette. Nunca te falo do que sei, e sempre sei muito mais do que digo. Mas só tu podes abrandar com a tua confissão o ódio que me dá quando isso me é denunciado por outras pessoas. Minha cólera contra ti não vem das tuas ações, eu tudo te perdôo, porque te amo, mas sim da tua falsidade, da tua absurda falsidade que te faz insistir na negação de coisas que eu sei. Mas como queres que eu continue a amar-te quando te vejo me sustentar uma coisa que eu sei que é falsa? Odette, não prolongues este instante que é uma tortura

para nós dois. Se quiseres, acabará num segundo, e ficarás livre disso para sempre. Dize-me, sobre a tua medalha, sim ou não, se nunca fizeste dessas coisas.

- Que sei eu?! que sei eu?! - exclamou Odette encolerizada, - "talvez há muito tempo, sem saber o que estava fazendo, talvez umas duas ou três vezes".

Pag. 263 - À medida que adiantava a sua toilette, cada movimento que ela fazia aproximava Swann do instante em que devia deixá-la, em que ela se escaparia num ímpeto irresistível; e quando, enfim pronta, mergulhando pela última vez no espelho um olhar tenso e iluminado pela atenção, começava a pôr rouge nos lábios, fixava uma mecha de cabelo e pedia a sua capa azul celeste com borlas de ouro, tinha Swann um olhar tão triste que ela não podia conter um gesto de impaciência e dizia: "Eis como tu me agradeces por te haver deixado ficar comigo até o último momento! E eu suponha ter feito alguma coisa de gentil! É bom que fique sabendo para a próxima vez!"

No filme caiu bem esta retomada do texto das falas de Odette e Swann de trás para frente. Acaba parecendo que Odette só ficou irritada com o questionamento torturante de Swann sobre seu homossexualismo do passado (em negrito acima). Na verdade Odette já vem enganando Swann no momento presente. As longas transcrições objetivam colocar o texto proustiano em valor. Os leitores, informados erroneamente da dificuldade de compreensão, poderão constatar o quanto o texto proustiano pode ser simples.

6. Cena passada em um bordel. Como uma necessidade de Swann de ver confirmadas as afirmações de Odette sobre seu homossexualismo do passado e como um desejo do roteirista de acentuar o escândalo, para atrair público, vê-se uma moça agachada

com os seios à mostra, saía abaixada e Swann por trás copulando e perguntando-lhe sobre Odette. No romance só aparece uma *rapariga*...

pag. 310- E deixou Swann com **a rapariga** dos olhos azuis. Mas ele logo se levantou e despediu-se; ela lhe era indiferente, não conhecia Odette.

7. Swann em sua casa. Gostaria de recolher-se mas a lembrança de Odette da época em que foi visitá-lo pela primeira vez o assalta, aumentando o seu sofrimento. Lembra-se de seus **sorrisos** tão bem ilustrados por Ornella Muti.

Pag. 203- Certas tardes, no entanto, mas de raro em raro, ia ela à casa de Swann interromper as suas cismas ou aquele ensaio sobre Ver Meer a que ele voltara a dedicar-se ultimamente. Vinham dizer-lhe que a sra. de Crecy o esperava na saleta. Swann ia ao seu encontro e, quando abria a porta, pelo rosto róseo de Odette, logo que o avistava, - mudando a forma de sua boca, o mirar de seus olhos, o modelado de suas faces, - espalhava-se um **sorriso**. Ficando a sós, revia Swann aquele **sorriso**, outro que ela tivera na véspera, outro com que o acolhera em tal ou tal vez, aquele que lhe dera em resposta, no carro, quando, ao arranjar-lhe as catélias, lhe perguntara se aquilo não lhe era desagradável; e a vida de Odette, durante o resto do tempo, como ele não conhecia nada a seu respeito, lhe aparecia com o seu fundo neutro e sem cor, semelhante a essas folhas de estudo de Watteau, onde se vêem aqui e ali, em todos os lugares, em todos os sentidos, desenhados a três cores sobre o papel pardo, inumeráveis **sorrisos**.

A narrativa proustiana é sempre tão expressiva que não se tem vontade de parar a citação. Aqui, a vida de Odette assemelha-se aos inumeráveis **sorrisos** desenhados por Watteau sobre o papel pardo. Conhecemos a admiração do romancista por este pintor. Dedicou-lhe um poema evocando seu quadro O Indiferente que se encontra no Louvre e ainda escreveu um conto chamado *O Indiferente*, do qual fizemos uma análise. Conhecemos igualmente a importância para Swann da semelhança de Odette com a figura de **Zéfora de Boticelli** que se encontra na Capela Sistina, da qual Swann colocou uma reprodução sobre sua mesa de trabalho como se fosse uma fotografia de Odette.

Pag.191 - Depois de contemplar por muito tempo aquele **Boticelli**, pensava no Boticelli seu, que achava ainda mais belo e, quando achegava a si a fotografia de **Zéfora**, julgava que era Odette que estava apertando contra o coração.

Ainda em seu quarto, lembra-se quando Odette lhe respondeu não ser uma peça de museu ao lhe explicar a reprodução que tanto gostava. Decidiu-se talvez aí não mais corrigir-lhe sua cultura estética.

Acho conveniente remeter à denúncia que indiretamente fizemos³ por ocasião da tradução do artigo de Gerard Genette - *Métonymie en Proust*, quando constatamos a omissão do trecho sobre o pintor Carpaccio (*A la Recherche du Temps Perdu*, vol. III, Ed. Gallimard, Paris, 1954 p. 646), na edição brasileira de *A Fugitiva* com tradução de Carlos Drummond de Andrade, pela Editora Globo.

Swann lembra-se que o comentário de Odette, na ocasião em que o visitava, sobre seus móveis antigos era de muito **mau gosto**, confirmando-lhe dolorosamente o fato de sua amada não ser inteligente.

Pag. 204- A não ser quando lhe pedia a frase de Vinteuil em vez da Valsa das Rosas, Swann nunca a fazia tocar as coisas de que ele gostava, e nem em música, nem em literatura, procurava corrigir o **mau gosto** de Odette. Bem sabia que ela não era inteligente.

Mesmo assim sente o desejo incontido de vê-la. No livro *Sémiotique des passions*, (Greimas e Fontanille, Ed. Seuil, 1991, p. 52) os autores explicam as transformações do objeto de valor (com quem se quer conjugar), no caso analisado Albertine (amada do narrador em *A Fugitiva*, vol. VI na edição brasileira) da seguinte forma: quando se trata para o narrador da Busca de esposá-la, ela se torna um “não-objeto”, fonte de tédio e de mediocridade que se pensa deixar; depois, após a revelação de suas ligações com a Srta. de Vinteuil, torna-se um “anti-objeto”, de quem não se pode mais se separar, um sofrimento.

“Bien qu’il soit explicitement disphorique, cet anti-objet - l’amie des lesbiennes - est attirant et réactive la protensivité du sujet; c’est de ce paradoxe que l’amour renaît”.

8. Mme Verdurin recebe “seus fiéis” em sua casa. Odette está com Forcheville, seu amante, todo mundo ri e desta vez madame Verdurin desloca a mandíbula. A atriz Marie-Christine Barrault está uma perfeita burguesa neste papel.

Pág. 176- Ah! não, a minha sonata não! - gritou a sra. Verdurin. - Eu não tenho nenhuma vontade de que me venha, à força de chorar, um defluxo com nevralgias faciais, como da última vez; muito agradecida, não quero recomeçar; vocês são muito bons, mas bem se vê que não são vocês que vão ficar oito dias de cama!

Swann não participa desta realidade, todo para dentro de si próprio é um ser a parte. Nota-se que esta seqüência, pela página acima referida, realizou-se antes do começo propriamente dito do filme que se dá na página 257 do livro, como já foi dito. Diga-se de passagem que esta forma de narrativa encontrada no filme por ser mais difícil torna-se mais original e sem escamotear em nada o sentido, muito mais valorosa.

A exclusão de Swann do grupo dos Verdurin deu-se muito antes no livro mas no filme só há uma reunião nos Guermantes e uma nos Verdurin, tendo que ser nesta a exclusão de Swann do grupo. A condensação ou síntese dos diversos elementos e acontecimentos numa só cena é perfeita para o limite de tempo imposto num filme.

9. Swann caminha pelos “boulevards” parisienses. Passa pela grande crise de ciúme, vocifera contra a sociedade dos Verdurin, contra si mesmo que cultivou este amor, contra Odette. Deseja vê-la morta. Aquele sofrimento contido precisava desforrar-se.

Pág.295 - **Algumas vezes desejava que ela morresse sem sofrimentos** nalgum acidente, ela que andava sempre fora, nas ruas, nas estradas, da manhã à noite. E como ela voltava sã e salva, ele admirava-se de que o corpo humano fosse tão ágil e tão forte, que pudesse continuamente manter em xeque e frustrar todos os perigos que o cercam (e que Swann achava inumeráveis depois que o seu secreto desejo os computara) e permitisse assim às criaturas entregarem-se cada dia, e quase que impunemente, à sua obra de mentira, à consecução do prazer.

Observamos como o texto proustiano é sempre mais rico de idéias do que qualquer plano cinematográfico a ser esboçado, contudo fica claro que no filme Swann deseja a morte de Odette

como deseja a sua. Desejar a morte de Odette aparece em outros momentos do livro como no filme.

10. Cena entre o barão de Charlus e Maomé. Dentro da obra proustiana este tema da homossexualidade significa uma descida aos infernos pois vai fundo na ligação sedutor-seduzido. Alain Delon está completamente encarnado na figura do barão e nos seduz imediatamente. Encontramos no *O Tempo Redescoberto* (volume 7) uma descrição do barão copiada fielmente no filme:

Pag. 75 - Pela voz subitamente trêmula com a qual, falando de Morel, o Sr. de Charlus escandira as palavras, pelo turvo olhar a vacilar-lhe no fundo dos olhos, tive a impressão de algo **além** de uma banal insistência.

Observamos no texto a força com que a palavra **além** leva o leitor para níveis superiores do sentido, relativos ao espaço secreto do ser. No texto inicial - **além** das regiões do desejo físico - fazia-nos também participar de uma análise psicológica. Esta cena serve de elo entre o começo e o fim, marcando os momentos em que Charlus aparece. Estabelece igualmente um paralelo contrastante entre os dois personagens pois se de um lado Charlus sente a dor mas se refaz, de outro, Swann nega a evidência de seu amor e se abate.

11. Swann busca desenfreadamente Odette. Torna-se ridículo no seu ciúme, engana-se de janela ao procurá-la. Junto a ela, não tem sossego, diz ouvir vozes, sofre da **monotonia de seus esforços**. Diz efetivamente:

Pag. 264 - **Estou ficando um nevropata!** Depois, não podia pensar sem enorme lassidão que, no dia seguinte, teria de recomeçar as pesquisas para saber o

que Odette fizera, de manejar influências para poder vê-la. Tão cruel se lhe tornou aquela necessidade de uma atividade sem tréguas, sem variedade, sem resultado, que, notando um dia uma protuberância no ventre, sentiu verdadeira alegria ao pensamento de que talvez tivesse um tumor fatal, que não mais teria de se ocupar de nada, que era a doença que ia governá-lo, fazer dele um joguete seu, até o próximo fim. E se naquela época, com efeito, lhe aconteceu muitas vezes confessar-se o desejo da morte, era menos para escapar à agudeza de seus sofrimentos que à **monotonia de seus esforços**.

Toda esta tensão atinge o clímax na irritação de Odette “Nunca se pode fazer nada contigo!”

Assim como o trecho musical - sonata de Vinteuil - reiteradas vezes possibilita a alta tensão emocional, a volta por flash-back à cena da catlêia - primeira vez que fazem amor - possibilita um relaxamento delicioso que na sua progressão aumenta em intensidade. Aqui numa isotopia maximal beijam-se apaixonadamente.

Pag. 309 - Certas noites, Odette se tornava subitamente de uma gentileza, da qual duramente o avisava deveria ele aproveitar-se em seguida, sob pena de não a ver renovar-se antes de muitos anos; era preciso entrar imediatamente para “fazer catlêia”, e esse desejo que Odette pretendia ter por Swann era tão súbito, tão inexplicável, tão imperioso, tão demonstrativas e insólitas eram as carícias que logo lhe prodigalizava, que aquela ternura brutal e inverossímil causava tanto mal a Swann como uma mentira ou uma maldade. Uma noite em que assim se recolheram por ordem de

Odette e em que ela entremeava os beijos de apaixonadas palavras que contrastavam com a sua segura habitual, ele supôs de repente ouvir um rumor; ergueu-se, procurou por toda a parte, não encontrou ninguém, mas não teve coragem de retomar o lugar ao lado de Odette, que então, num acesso de raiva, quebrou um vaso, dizendo-lhe: “Nunca se pode fazer nada contigo!” E ele ficou na incerteza de que ela teria ocultado alguma pessoa, a quem quisesse espicaçar o ciúme ou acender os desejos”.

Enquanto fazem amor Odette fala-lhe do casamento da amiga com o amante demonstrando desejar o mesmo, no livro só há uma alusão a um possível comentário e ainda entre parênteses no texto (pag. 294 - **tendo até, diziam, a secreta intenção de fazer com que ele a desposasse**).

12. Cena do quarto pela manhã. Transcorridas as 24 horas aparentes porque na realidade representam anos, chegam o cabeleireiro e o barão. Swann anuncia, de certa forma agora é verdade, que está curado do amor por Odette, em negrito no texto abaixo. Interessante observar que as frases colocadas entre parênteses por Proust são muito importantes. Odette vai ao Egito com Forcheville às custas de Swann e o barão irônicamente lhe pergunta quando será seu casamento com Odette, como sempre prevendo a realidade. Swann sorri, logo se contrai, gesto isotópico, lembrando-se do que terá de suportar quanto à reação dos Guermantes.

Swann sente-se mais aliviado porque lembra-se da conversa com a Sra. de Gallardon:

Pag. 311 - Mas Odette o adora! Ah! creio que não se deveria dizer isso do senhor diante dela! Estava-se bem arranjado! A propósito de tudo, se via um quadro,

por exemplo, ela dizia: “Ah! se Swann estivesse aqui, ele é que poderia dizer-nos se é ou não autêntico. Não há ninguém como ele para isso”. E a cada momento, perguntava: “Que estará ele fazendo agora? Se ao menos trabalhasse um pouco! Um homem tão bem dotado, é pena que seja tão preguiçoso. (Perdoe-me dizer-lhe isso). Neste momento eu o vejo, ele está pensando em nós, indaga consigo aonde estaremos”. Teve até uma frase que achei muito bonita; disse a sra. Verdurin: “Mas como podes saber o que Swann está fazendo neste momento, se estás oitocentas léguas longe dele?” Então Odette lhe respondeu: “Nada é impossível ao olhar de uma amiga” “E Swann sentiu-se transbordar de ternura por ela, tanto quanto pela sra. Verdurin **(e quase tanto como por Odette, pois o que sentia por esta última, como já não vinha mesclado de sofrimento, não era mais amor),...**”

O filme tem, como na última frase do episódio no livro, uma primeira conclusão relativa a *Um Amor de Swann*:

Pag. 316 - E com essa intermitente grosseria que lhe voltava logo que ele não mais sofria e que rebaixava o nível de seu caráter moral, exclamou consigo mesmo: “E dizer que eu estraguei anos inteiros de minha vida, que desejei a morte, que tive o meu maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo!”

EPÍLOGO

O tempo passou. Swann visita a princesa Des Laumes e Basin que estão de saída para mostrar-lhes algumas reproduções de Monet. Ao ser convidado para ir à Itália, Swann anuncia-lhes sua morte próxima (sua doença era verdadeira) e ainda assim Oriane não decide conhecer Gilberte (filha de Swann e Odette, agora casados).

Dentre tantas outras observações interessantes, salientamos a que faz menção ao *gosto delicioso- goût charmant* que nos parece muito peculiar. Em casa da marquesa de Saint-Euverte, Oriane havia lhe dito: “*Estamos a fazer pilhérias de um gosto delicioso, meu Carlos*”. Agora é a vez de Swann que muito doente ainda tem humor, quando Oriane lhe diz que sua morte próxima deve ser uma brincadeira, ele lhe diz: “*Isto seria de um gosto delicioso!*”

Esta sequência tem a importância de colocar o espectador mais adiante na obra proustiana, é uma prova de fidelidade, de respeito e admiração do cineasta ao romancista, também um complemento essencial para a análise psicológica de Swann que não é mais um nevropata, simplesmente um homem doente, ainda apaixonado pela arte, ainda desejoso de mostrá-la a sua “amiga” Oriane. No entanto, o duque com sua futilidade costumeira, obriga a duquesa a trocar seus sapatos pretos pelos vermelhos para irem jantar na arquiduquesa. Anuncia pela última frase do livro de *No Caminho de Guermante*⁵, sua incapacidade de encarar a morte.

Pag. 466 - “E depois, não se deixe impressionar com essas tolices dos médicos, que diabo! São umas toupeiras. Você está firme como a Ponte Nova. Ainda nos enterrará a todos!”

Swann e Charlus avançam pelas ruas movimentadas do começo do século. Os tempos são outros, as modas outras. Charlus

acaba por perguntar-lhe como vai sua luta com o anjo invisível e Swann lhe responde que a lembrança do amor o ajuda a não temer a morte. Como um sobrevivente do passado, Swann é o último dos românticos. Cabe ao barão definir a vida com a imagem do **atelier** ... **que se situa dentro de nós**, utilizando as mesmas palavras do narrador no trecho do último volume, *O Tempo Redescoberto*.⁶

Pag. 151 - "É ainda mister que nos apressemos e não percamos um minuto enquanto temos os modelos à nossa disposição. Porque os que encarnam a felicidade não nos podem via de regra conceder muito tempo. Mas os seres que posam para dor, temo-los sempre longamente, no **atelier** onde só entramos em determinados períodos, e **que se situa dentro de nós**. Esses períodos são como a imagem de nossa vida com suas diversas dores. Porque também estas contêm outras, diferentes, e quando criamos tudo calmo, surge uma nova, nova em todos os sentidos da palavra, talvez porque situações imprevistas nos forcem a entrar em contato mais íntimo com nós mesmos; os dilemas dolorosos pelo amor a todo momento formulados nos instruem, revelam-nos gradualmente a substância de que somos feitos."

Os olhos do barão no filme iluminam-se para dizer: "**Voilà Mme Swann**"! e o comentário que segue em off é cheio de maledicências, alguém lembrando ter dormido com ela no dia da demissão de Mac Mahon... Ela sempre muito bela, parece intocável pelo tempo. Para ela não existe lição final, como parece não existir morte.

O fim do filme fica em aberto, sabemos que ainda tem muito a fazer, que a obra de MARCEL PROUST é uma fonte inesgotável.

Notas

- 1 A trilha original do filme é em francês; utilizamos para este trabalho a subtitulação em português.
- 2 Marcel Proust, *No Caminho de Swann*, tradução de Mário Quintana, 6a. ed., Editora Globo, 1981. A parte que se refere a *Um Amor de Swann* começa na página 162 até 316.
- 3 *Fragmentos*, r. LLE/UFSC, Florianópolis nr. 2, pgs. 9-44, p.37, Jul/Dez, 1986, nota nr.23.
- 4 *No Caminho de Guermantes*, tradução de Mário Quintana, Ed. Globo, 5a. ed., 1981.
- 5 *O Tempo Redescoberto*, trad. de Lúcia Miguel Pereira, Ed. Globo, 6a. ed., 1981.